

# Green desvenda articulações entre o narcisismo e a pulsão de morte<sup>1</sup>

Renata Udler Cromberg

Resenha de André Green, *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*.

Trad. Claudia Berliner.

São Paulo, Escuta, 363 p.

André Green vem se destacando como um dos teóricos mais importantes do pensamento psicanalítico. Na década de 1970, sua polêmica com o pensamento de Lacan levou-o a escrever *O discurso vivo – uma teoria psicanalítica do afeto*, etapa importante do percurso de suas reflexões. Aí, apesar de reconhecer os méritos de Lacan e a influência deste em seu pensamento, ressalta que considerar o inconsciente estruturado como uma linguagem era uma mutilação do percurso freudiano pela exclusão da questão do afeto.

Muito da riqueza de seus textos deve-se à forma como ele os constrói: aponta de saída suas questões, deixando-as formarem um vivo e consistente desenho tanto no campo clínico como no teórico. Costuma convocar vários autores sobre os temas que trabalha, apontando tanto os pontos de contato como as diferenças.

<sup>1</sup> Publicado originalmente no jornal *Folha de S.Paulo*, 8 out. 1988.

**Renata Udler Cromberg** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, doutora pelo Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Professora dos cursos de especialização de Psicopatologia e Saúde Pública na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo e Teoria Psicanalítica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Autora dos livros *Cena incestuosa* e *Paranoia*, da coleção Clínica Psicanalítica da Editora Casa do Psicólogo.

Assim, no rastro de um pensamento que vai buscando se constituir como próprio no contato com outros pensamentos, temos a satisfação de poder conhecer a rica bibliografia de que se serve através de pequenas sínteses e indicações. Não dispensa também a exegese da obra de Freud, trazendo sempre os meandros e as ambiguidades do pensamento deste que considera ainda o mais rigoroso e coerente de todos os autores psicanalistas.

É este veio que percorre esta excelente coletânea que reúne artigos de 1976 a 1982 sobre a questão do narcisismo. Esse conceito surgiu no âmbito psicanalítico em *Para introduzir o narcisismo*, escrito por Freud em 1914. Após um vacilante e rico percurso, Freud deixa-o de lado quando formula, por volta de 1920, sua segunda teoria pulsional, que postula as pulsões de vida e as pulsões de morte como as forças conflitantes na vida psíquica.

O narcisismo constitui o eixo da reflexão teórica de Green. Ele diz “haver uma articulação necessária entre o narcisismo e a pulsão de morte da qual Freud não se ocupou e que ele nos deixou para descobrir” (p. 14). Os artigos reunidos têm por objetivo pensar essas relações, conforme expõe no longo prefácio no qual faz uma espécie de alinhavo histórico-conceitual das problemáticas em torno do narcisismo e que é seguido de duas partes, uma sobre teoria e outra sobre formas narcísicas, além de um posfácio. Green propõe chamar a pulsão de morte de narcisismo negativo, duplo sombrio do eu unitário do narcisismo positivo, de modo que todo o investimento de objeto, assim como do eu, implicam seu duplo invertido que visa a um retorno regressivo ao ponto zero, que se manifesta clinicamente pelo vazio. É pela complexidade dos problemas da clínica que o lugar que ocupa o narcisismo se revela dos mais importantes e faz Green distinguir suas relações com diferentes formas clínicas. Mas é sobre os chamados casos limites que sua atenção se focaliza, ao pensar o limite como conceito e não apenas da maneira empírica que os situa nas fronteiras da psicose.

É por essa via que surge a possibilidade de aparecer a concepção nodal de seu pensamento que a bela capa do livro (da artista Ivoty Macambira) exprime de maneira muito feliz: o complexo de Édipo deve ser mantido como matriz simbólica essencial à qual é importante sempre se referir como uma triangulação axiomática, mesmo nos casos clínicos em que a regressão é dita pré-genital ou pré-edipiana, portanto, aquém da triangulação (p. 252). No entanto, é se voltando para a questão da angústia que Green propõe uma concepção estrutural organizada em torno de dois centros paradigmáticos diferentes. Por um lado, a angústia de castração, por privilegiar sua evocação no contexto de uma ferida corporal associada a um ato sangrento. Em contrapartida, quando se trata do conceito da perda do seio ou do objeto, das ameaças de abandono à perda da proteção do Supereu, a destrutividade ganha as cores do luto: preto como a depressão grave ou branco como os estados de vazio (p. 251).

O negrito de narcisismo de morte, na capa do livro, aponta bem o esforço do autor de descrever as tensões de um eu preso às malhas da lógica tecida pelo “Um, Outro e Neutro, valores narcisistas do mesmo”, título de um dos capítulos. Mas se o psicanalista se vê, no seu ofício, às voltas com a angústia e a morte, não é em nome delas mesmas, e sim da vida. O opaco de narcisismo de vida na capa aponta que, se bem Green esboce no final a necessidade de que as sociedades devolvam a Eros alguns direitos de que foi espoliado, permanece ainda a necessidade de pensar o narcisismo de vida, campo das sublimações e de Eros, como o campo da singularidade às voltas com o múltiplo, sem por isso desintegrar-se ou fragmentar-se psicoticamente. Quem sabe, assim, a multiplicidade que sustenta o feminino não corra o risco de se transformar em uma visão assustadora ou em uma nova incógnita metafísica e possa expressar-se na carne do mundo.